

**Cultura, distinção social e poder local:
a *Sociedade de Concertos da Madeira* (1943-1974)**

***Culture, Social Distinction and Local Power:
the Sociedade de Concertos da Madeira (1943-1974)***

Helena Aldinhas

Universidade da Madeira

helenalaldinhas@staff.uma.pt

<https://orcid.org/0009-0006-7824-2933>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/01/2026

Texto aprovado em / Text approved on: 13/07/2026

Resumo

A *Sociedade de Concertos da Madeira*, fundada em 1943 por Luiz Peter Clode e por um núcleo restrito de elites políticas, económicas e intelectuais locais, constitui o objeto de análise deste artigo, no qual se acompanha a sua trajetória até à rutura provocada pelo 25 de Abril de 1974. A investigação evidencia como esta instituição privada se consolidou como um espaço estruturado de produção, fruição e legitimação cultural, desempenhando um papel central na institucionalização da música erudita numa região periférica marcada pela insularidade e pela centralização das políticas culturais do Estado Novo.

Com base na análise de documentação de arquivo e de imprensa periódica, demonstra-se que esta Sociedade funcionou como um dispositivo de sociabilidade das elites regionais, contribuindo para a formação de públicos e para a afirmação de mecanismos de distinção social. A sua atividade incluiu a organização regular de concertos com intérpretes nacionais e internacionais, a fundação da Academia de Música da Madeira, a colaboração com instituições culturais nacionais e estrangeiras e a promoção de

Abstract

The *Sociedade de Concertos da Madeira*, founded in 1943 by Luiz Peter Clode and a small group of local political, economic and intellectual elites, is the subject of analysis of this article, which traces its trajectory until the rupture brought about by the Portuguese Revolution of 25 April 1974. This study demonstrates how this private institution consolidated itself as a structured space for cultural production, reception and legitimation, playing a central role in the institutionalisation of Western art music in a peripheral region marked by insularity and by the centralisation of cultural policies under the Estado Novo regime.

Based on the analysis of archival documentation and local periodical press, the article argues that this Society functioned as a device of elite sociability, contributing to the formation of audiences and to the reinforcement of mechanisms of social distinction. Its activities included the regular organisation of concerts featuring nationally and internationally renowned performers, the foundation of the Madeira Academy of Music, collaboration with national and foreign cultural institutions, and the promotion of festivals

festivais e publicações culturais. Este artigo sublinha, assim, a relevância das dinâmicas culturais locais e regionais na configuração do campo cultural português do século XX.

and cultural publications. This article thus highlights the relevance of local and regional cultural dynamics in shaping the Portuguese cultural field during the twentieth century.

Palavras-chave: Sociedade de Concertos da Madeira; Institucionalização cultural; Poder local; Sociabilidade elitista; Estado Novo.

Keywords: Sociedade de Concertos da Madeira; Cultural institutionalisation; Local power; Elite sociability; Estado Novo.

Introdução

Os estudos históricos sobre a vida cultural portuguesa durante o Estado Novo têm vindo a incidir sobre as políticas culturais e as instituições sediadas nos principais centros urbanos. Apesar da existência de investigações relevantes sobre a cultura e a arte do século XX em Portugal, as instituições culturais regionais tendem a permanecer menos exploradas enquanto objeto de análise histórica, sendo as dinâmicas locais frequentemente secundarizadas nas abordagens de carácter nacional.

A análise da *Sociedade de Concertos da Madeira* (1943-1974) contribui para uma leitura mais descentralizada da história cultural durante o Estado Novo, evidenciando dinâmicas locais por vezes ausentes das abordagens de âmbito nacional, num território marcado pela insularidade e pela distância dos centros de decisão. Fundada na década de 1940, no Funchal, esta Sociedade permite problematizar os processos de institucionalização da música erudita fora dos principais polos culturais do país.

Criada numa época e num contexto marcado pela escassez de oferta cultural regular na região, assumiu-se como uma iniciativa liderada por membros dos setores dirigentes políticos, económicos e intelectuais locais, com destaque para a figura de Luiz Peter Clode. Como assinalam José Gomes e Inez Freitas, o “*status quo* musical da Madeira na década de 40 caracterizava-se, salvo raras exceções, pela escassez e precariedade dos espetáculos”, situação que tornava urgente educar “a população para a boa música”¹. Neste contexto, a ação da Sociedade contribuiu para a criação de um espaço cultural estruturado, capaz de atrair intérpretes de renome nacional e internacional, bem como de formar públicos para uma cultura musical erudita.

¹ José Vieira Gomes e Inez Clode Freitas, *Luiz Peter Clode e o espólio legado ao arquivo regional da Madeira*, Funchal, Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira, 2005, p. 17.

Desta forma, o caso da *Sociedade de Concertos da Madeira* levanta um problema histórico central: compreender como, num território periférico e num período de centralização de políticas culturais, o Estado Novo, foi possível criar e consolidar uma instituição dedicada à promoção de um repertório erudito.

Fundada em 1943, no Funchal, esta Sociedade desenvolveu a sua atividade e afirmou-se como um espaço estruturado de produção e fruição cultural. Enquanto iniciativa privada, foi impulsionada por um núcleo restrito dos setores dirigentes políticos, económicos e intelectuais locais, liderado pela figura de Luiz Peter Clode, cuja intervenção foi determinante na definição das orientações culturais e organizativas da mesma. A análise desta experiência local permite problematizar as relações entre cultura, poder local e sociabilidade das classes dirigentes, bem como os processos de institucionalização cultural em contextos regionais durante o Estado Novo.

Neste contexto, procurou-se resposta para a forma como a *Sociedade de Concertos da Madeira* se estabeleceu como instrumento de institucionalização da música erudita e de legitimação cultural das elites madeirenses durante o Estado Novo, desde a sua fundação em 1943, até à rutura provocada pelo 25 de Abril de 1974.

Com esta problematização, quis-se analisar o papel desempenhado pelos grupos dominantes dos meios políticos, económicos e intelectuais locais na criação de um espaço cultural socialmente reconhecido, bem como os mecanismos de formação de públicos e de consagração simbólica associados à atividade da Sociedade neste período. O artigo organiza-se em dois momentos: a fase de criação e consolidação (década de 1940), e o período de afirmação institucional e financiamento cultural, que se prolonga desde a década de 1950, até à transição democrática em 1974.

Na presente investigação, defende-se que a *Sociedade de Concertos da Madeira* não constituiu apenas uma associação dedicada à promoção musical, mas foi antes um espaço estruturado de sociabilidade das elites regionais, estreitamente articulado com os poderes locais, desempenhando um papel central nos processos de consolidação da música erudita e de legitimação cultural dos grupos dirigentes madeirenses. A regularidade da sua atividade, o financiamento de iniciativas culturais e o discurso legitimador publicado pela imprensa local contribuíram para que a Sociedade promovesse a construção de uma identidade cultural erudita numa região ultraperiférica, afirmando-se como um espaço de distinção social e de afirmação simbólica dos estratos superiores da sociedade ao longo do período compreendido entre 1943 e 1974.

Metodologicamente, o trabalho assenta na análise de documentação de arquivo da Sociedade e de Luiz Peter Clode, nomeadamente estatutos,

correspondência, programas e alguma documentação administrativa, complementada pela leitura sistemática da imprensa local da época, em particular o *Diário da Madeira* e o *Jornal da Madeira*. O cruzamento destas fontes permite compreender o funcionamento institucional da instituição e os discursos públicos de valorização cultural produzidos em torno da sua atividade musical e cultural.

A fundação da Sociedade de Concertos da Madeira

Em janeiro de 1943, a criação da *Sociedade de Concertos da Madeira* resultou da iniciativa de Luiz Peter Clode e do seu irmão William Edward Clode, num contexto marcado pela escassez de oferta cultural regular nesta região insular e pela ausência de instituições musicais estáveis². Segundo o testemunho do próprio Luiz Peter Clode, a ideia foi delineada no início desse ano, seguida da definição de um núcleo de promotores da futura instituição:

Esboçada esta ideia, no mês de Janeiro de 1943, a meu irmão Dr. William E. Clode, na casa de sua residência à «Quinta Crawford», sita ao Pilar, freguesia de Santo António, eis que nessa memorável data se combina e assenta sobre quais as pessoas a convidar para fazerem parte do Conselho Diretivo da Sociedade de Concertos em projecto³.

O objetivo fundador da Sociedade consistia em “infundir, no meio social de então, música de qualidade”, através da realização de concertos com intérpretes nacionais e estrangeiros de reconhecido mérito, procurando contrariar aquilo que os seus promotores identificavam como uma degradação do gosto musical local. O propósito ficou formalmente consagrado nos estatutos, onde se definia como finalidade:

... a cultura da arte musical pela realização de concertos, sessões, conferências ou outras quaisquer festas de arte nos quais tomarão parte designadamente artistas madeirenses e continentais que forem considerados de reconhecido mérito, e artistas estrangeiros de nomeada⁴.

² José Vieira Gomes e Inez Clode Freitas, *Luiz Peter Clode...*, cit., p. 13.

³ Luiz Peter Clode, *A verdadeira História da Sociedade de Concertos*, Funchal, s.l., 1949, p. 1.

⁴ Sociedade de Concertos da Madeira, *Estatutos da Sociedade de Concertos da Madeira. Da constituição e fins da sociedade*, Funchal, s.l., 1943, p. 9.

O diagnóstico do panorama cultural madeirense das décadas de 1930 e 1940 é explicitado de forma clara no testemunho de Luiz Peter Clode, que criticava aquilo que percecionava como uma degradação do gosto musical da juventude, associada à difusão de novas formas de entretenimento. Segundo Clode, “aos rapazes e raparigas dos 15 aos 18 anos pouco interessava a «Política do Espírito»”, concentrando-se mais no “aperfeiçoamento dos gramofones, as atrizes e actores de cinema, rádiotelefonias, «jazz» e o gosto exagerado pelo futebol”, situação que contrastaria com um passado “na Madeira, no tempo dos nossos avós” em que existia “o verdadeiro sentido da arte, cultivando-se a música, com grande entusiasmo”⁵.

Neste quadro, a criação da Sociedade de Concertos surge como uma resposta a essa percepção de “inépcia cultural” identificada por Luiz Peter Clode, assumindo-se, desde a sua génese, como um projeto de orientação estética e pedagógica, destinado a formar públicos e a reintroduzir o que os seus fundadores entendiam como o “verdadeiro gosto pela música”. No discurso do seu principal promotor, a iniciativa era apresentada como uma intervenção consciente no campo cultural local, tendo como finalidade:

... procurar fazer face a essa inépcia a que a juventude estava votada, organizando-se no Funchal uma Sociedade de Concertos, constituída pelo melhor escol funchalense. O seu objetivo foi orientar o público neste campo, de forma a que, a pouco e pouco, lhe fossemos inculcando e despertando no seu subconsciente o verdadeiro gosto pela música⁶.

Desde a sua fundação, a *Sociedade de Concertos da Madeira* estruturou-se como uma iniciativa privada promovida por um núcleo restrito de elites políticas, económicas e de intelectuais locais. A composição do seu Conselho Diretivo, da Comissão Artística e restantes elementos da sua orgânica, evidencia a concentração de cargos em figuras com posições de destaque na administração pública, nas profissões liberais e nos círculos culturais da ilha, bem como a proximidade institucional ao poder político local (tabela 1).

⁵ Luiz Peter Clode, *A verdadeira História...*, cit., p. 1.

⁶ Luiz Peter Clode, *A verdadeira História...*, cit., p. 1.

Tabela 1 – Constituição da orgânica da Sociedade de Concertos da Madeira.

Presidente de Honra	Dr. Gustavo Teixeira Dias (Governador Civil)
Conselho Diretivo	Dr. João Abel de Freitas (Presidente) Visconde de Cacongo (Vice-presidente) Eng. Luiz Peter Clode (secretário) Tenente-Coronel Alberto Artur Sarmiento Dr. Alberto Henriques de Araújo Alberto da Veiga Pestana Dr. Fernão de Ornelas Gonçalves Dr. Frederico de Freitas Major João dos Reis Gomes Capitão José Bettencourt da Câmara Dr. José Leite Monteiro Júlio da Cunha Santos Luiz da Rocha Machado Dr. Nuno de Vasconcelos Porto Visconde do Porto da Cruz Tristão Pedro Bettencourt da Câmara Dr. William Edward Clode
Comissão Executiva	Dr. William Edward Clode (Presidente) Dr. Nuno de Vasconcelos Porto (Tesoureiro) Eng.º Luiz Peter Clode (Secretário) Dr. Alberto Henriques de Araújo Dr. José Leite Monteiro
Direção Artística	Mrs. Morris Velosa Miss Sheila Power Madame Wera da Cunha Teles Capitão Edmundo da Conceição Lomelino Dario Flores Capitão Gustavo Coelho Dr. Manuel dos Passos Freitas
Comissão organizadora dos concertos	Miss Sheila Power Madame Wera da Cunha Teles Alberto da Veiga Pestana Dario Flores Capitão José Bettencourt da Câmara Eng.º Luiz Peter Clode Dr. William Edward Clode
Conselho Fiscal	Tenente-Coronel Leovegildo Rodrigues Jorge Dória Monteiro António Bettencourt Sardinha
Assembleia-geral	Coronel Abel Magno de Vasconcelos (Presidente) Dr. Álvaro dos Reis Gomes (1.º Secretário) Eduardo Alves (2.º Secretário)

A orgânica demonstra que a Sociedade foi dirigida por um núcleo restrito das elites madeirenses, no qual convergiam figuras com influência política,

administrativa, económica e cultural. João Abel de Freitas, médico e presidente da Delegação de Turismo da Madeira, posteriormente presidente da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e Governador do Distrito, assegurava a ligação aos principais órgãos da administração regional. A presidência honorária do Governador Civil, Gustavo Teixeira Dias, reforçava essa proximidade institucional.

A primeira reunião do Conselho Diretivo decorreu nas instalações da Delegação de Turismo da Madeira, com o apoio explícito do respetivo Presidente, João Abel de Freitas. Isto ilustra a articulação entre a iniciativa cultural privada da Sociedade de Concertos e as estruturas de poder local.

A direção integrava ainda Luiz Peter Clode, engenheiro Chefe da Secção dos Serviços Hidráulicos e Elétricos da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e engenheiro Chefe da 7.^a Circunscrição Industrial e principal impulsionador do projeto; e o irmão William Edward Clode, formado em Medicina, que participou desde o momento fundador na organização da Sociedade. Demonstra-se, assim, que a instituição nasceu apoiada por um grupo que concentrava influência política, capacidade organizativa e prestígio social.

A estes juntavam-se outras personalidades⁷ com percursos igualmente relevantes na sociedade madeirense. Leovigildo Rodrigues conciliava a carreira militar com a gerência do Banco de Portugal e o ensino no Liceu Jaime Moniz; Jorge Dória Monteiro e António Bettencourt Sardinha ocupavam posições de destaque no sector bancário, tendo este último exercido também funções de vereador e presidente da Câmara Municipal do Funchal; Álvaro dos Reis Gomes destacou-se como advogado, professor, jornalista e dirigente associativo; Eduardo Alves era filho do gerente da Blandy Brothers & C.^a, empresa que viria a disponibilizar as instalações para a futura Academia de Música da Madeira e para a sede da *Sociedade de Concertos da Madeira*.

A diversidade de percursos evidencia que a orgânica da instituição congregava representantes dos principais setores político-administrativos, militares, financeiros, empresariais, culturais e educativos da região, reforçando a sua capacidade para mobilizar recursos institucionais e consolidar o projeto cultural. Mais do que a diversidade profissional, sobressai a acumulação de funções políticas, administrativas, económicas e culturais dos seus dirigentes, revelando uma elite regional fortemente interligada e com elevada capacidade de intervenção nos principais centros de decisão da Madeira.

⁷ A análise foi baseada na consulta da obra de Luiz Peter Clode sobre as biografias de personalidades destacadas na sociedade madeirense: Luiz Peter Clode, *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses, séculos XIX e XX*, Funchal, Caixa Económica do Funchal, 1983.

A caracterização dos restantes elementos da orgânica da Sociedade será retomada após a apresentação dos sócios fundadores, pois integram cumulativamente este núcleo. A análise conjunta destes dois universos evidencia a estreita sobreposição entre a estrutura dirigente da Sociedade e o grupo que promoveu a sua fundação, permitindo uma caracterização mais precisa das elites madeirenses que sustentaram o projeto desde a sua origem.

Os estatutos da Sociedade, aprovados em abril de 1943 pelo Governador Civil do Distrito Autónomo do Funchal, consagram o carácter seletivo da instituição. É definida como uma “sociedade portuguesa de cultura artística musical” e a sua ação destinava-se a uma “sociedade de elite”, sendo o acesso às atividades condicionado à inscrição como sócio. Assim, segundo este documento a instituição assumia como principal finalidade o desenvolvimento da cultura artística e musical, dirigindo a sua atividade a um público socialmente selecionado e cuja ação será:

... exercida em proveito cultural duma sociedade de elite. Aos serões musicais, conferências ou outras quaisquer festas de arte, organizadas por esta Sociedade só poderão assistir os que se hajam devidamente inscrito como sócios, ou os filhos destes ...⁸

Esta dimensão estatutária confirma que a Sociedade não se limitava à promoção de espetáculos musicais, mas que o fazia num espaço de sociabilidade restrita, onde a fruição cultural funcionava como mecanismo de distinção social e de legitimação simbólica dos grupos dominantes madeirenses. Neste sentido, a sua fundação deve ser compreendida não só como uma resposta à escassez cultural existente, mas como um projeto consciente de institucionalização da música erudita num contexto periférico, articulando práticas culturais, poder local e estratégias de consagração social desde a sua génese.

Sócios, orgânica e sociabilidade cultural

Com a sua fundação, a *Sociedade de Concertos da Madeira* estruturou-se de acordo com um modelo hierarquizado, assente numa clara distinção entre categorias de sócios e numa orgânica que concentrava a direção efetiva da instituição num núcleo restrito de dirigentes.

⁸ Sociedade de Concertos da Madeira, *Estatutos...*, cit., p. 9.

Os estatutos de 1943 previam a existência de sócios fundadores (tabela 2), efetivos e honorários, com critérios de admissão que explicitamente os associavam à Sociedade por demonstrarem “boa reputação moral e social”, cuja aceitação dependia de votação secreta no Conselho Diretivo⁹.

Tabela 2 – Sócios fundadores da Sociedade de Concertos da Madeira.

Sócios organizadores	Dr. William Edward Clode Alberto da Veiga Pestana Eng.º Luiz Peter Clode
Sócios fundadores	Tenente-Coronel Alberto Artur Sarmento Dr. Alberto Henriques de Araújo Alberto da Veiga Pestana Dario Flores Capitão Edmundo da Conceição Lomelino Dr. Fernão de Ornelas Gonçalves Dr. Frederico de Freitas Capitão Gustavo Coelho Dr. João Abel de Freitas Major João dos Reis Gomes Capitão José Bettencourt da Câmara Dr. José Leite Monteiro Júlio da Cunha Santos Eng.º Luiz Peter Clode Luiz da Rocha Machado Dr. Manuel dos Passos Freitas Mrs. Morris Veloza Dr. Nuno de Vasconcelos Porto Miss Sheila Power Tristão Pedro Bettencourt da Câmara Visconde de Cacongo Visconde do Porto da Cruz Madame Wera da Cunha Teles Dr. William Edward Clode

Este modelo regulava não apenas o funcionamento interno desta instituição, como também delimitava o seu público, configurando a Sociedade como um espaço de sociabilidade seletiva. A exigência de inscrição como sócio para o acesso aos concertos, bem como a progressiva limitação de entradas a não

⁹ Sociedade de Concertos da Madeira, *Estatutos...*, cit., p. 11.

sócios, reforça o carácter distintivo da fruição cultural promovida por esta instituição, convertendo o consumo de um repertório erudito num mercado de pertença social. Tal orientação encontra-se claramente expressa nos estatutos, onde se estipulava que às atividades promovidas pela Sociedade de Concertos poderiam assistir aqueles que se tivessem inscrito “como sócios, ou os filhos destes, com mais de 14 anos de idade e menos de 21 quando o local do concerto comporte, e mediante o pagamento duma quantia que a Comissão Executiva fixará”, prevendo-se apenas de forma excecional a realização de “concertos populares aproveitando alguns dos artistas por ela contratados”¹⁰.

A análise¹¹ da composição da orgânica da Sociedade e do universo dos sócios fundadores evidencia a forte concentração de indivíduos com posições de relevo na sociedade madeirense nas décadas de 1940 e 1950. Entre eles, encontram-se dirigentes políticos locais e nacionais, altos funcionários da administração pública, militares, magistrados, profissionais liberais, empresários ligados aos setores do comércio, banca, vinhos da Madeira e bordados, bem como figuras relevantes dos meios jornalísticos e culturais. A presença de cônsules estrangeiros e de representantes de casas comerciais britânicas confirma ainda a integração de elites luso-britânicas na vida cultural do Funchal.

Esta composição revela que a Sociedade congregou representantes dos principais grupos dirigentes da região, cuja influência se estendia aos domínios político, económico, cultural e social. A caracterização dos seus percursos confirma a diversidade e a complementaridade das elites que sustentaram o projeto.

No domínio militar destacam-se o tenente-coronel Alberto Artur Sarmento, antigo Governador Militar da Madeira e professor do Liceu Jaime Moniz; o major João dos Reis Gomes, simultaneamente engenheiro, industrial, escritor, crítico de arte e diretor do *Diário da Madeira*; o capitão Edmundo da Conceição Lomelino, oficial do Exército e compositor; e o capitão Gustavo Coelho, maestro e compositor.

Entre os profissionais liberais assumiam particular relevo os advogados Alberto Henriques de Araújo, também diretor do *Diário de Notícias* e administrador da Madeira Wine Association; Frederico de Freitas, também notário, colecionador de arte e organizador de diversas exposições promovidas pela Sociedade; José Leite Monteiro, cumulativamente dirigente da União Nacional e membro da Comissão Diretiva do Museu das Cruzes. Neste grupo podemos considerar ainda o magistrado Manuel dos Passos Freitas, fundador do Orfeão Madeirense e colaborador da Academia de Música da Madeira; Nuno

¹⁰ Sociedade de Concertos da Madeira, *Estatutos...*, cit., p. 9-10.

¹¹ Veja-se a nota 7.

de Vasconcelos Porto, médico, diretor do Serviço de Medicina do Hospital da Misericórdia, vogal da Câmara Municipal do Funchal e da Junta Geral do Distrito; e Fernão de Ornelas Gonçalves, médico e presidente da Câmara Municipal do Funchal entre 1935 e 1946.

A elite económica encontrava-se representada por Júlio da Cunha Santos, gerente da Blandy & C.^a e dirigente da Empresa Funchalense de Cabotagem; Luís da Rocha Machado, comerciante, banqueiro, cônsul da Noruega e, posteriormente, presidente da Câmara Municipal do Funchal. Integrava igualmente este universo Tristão Pedro Bettencourt da Câmara, ligado aos meios empresariais regionais e Alberto da Veiga Pestana, comerciante, industrial, jornalista e diretor do *Comércio do Funchal*.

A Sociedade integrava também personalidades da comunidade britânica residente na Madeira, entre as quais Sheila Power, compositora e dinamizadora de uma ativa vida musical na Quinta Deão; Wera da Cunha Teles, cantora soprano e futura professora da Academia de Música da Madeira; e Morris Velosa, colaboradora da direção artística. Dario Flores, de origem espanhola, compositor, regente e maestro de orquestra, era outra personalidade que integrava a área artística da Sociedade. A presença dos Viscondes de Caçongo e do Porto da Cruz evidencia ainda a participação da aristocracia regional neste projeto cultural.

Mais do que a diversidade socioprofissional, sobressai a acumulação de cargos e funções em diferentes esferas da vida pública regional, permitindo a estes indivíduos exercer influência simultaneamente nos domínios político, administrativo, económico e cultural da sociedade madeirense. A Sociedade de Concertos constituiu, assim, um espaço de convergência de uma elite regional fortemente interligada, cuja capacidade de mobilização institucional se revelaria determinante para a consolidação do projeto cultural desenvolvido entre 1943 e 1974.

Desta forma, a sua composição social revela que a *Sociedade de Concertos da Madeira* não constituiu apenas uma associação cultural, mas antes um espaço de convergência dos círculos dominantes da política, economia e intelectuais locais, funcionando como um dispositivo de sociabilidade legitimadora. A participação ativa de figuras como João Abel de Freitas, João Figueira de Freitas ou Frederico de Freitas demonstra a estreita articulação entre a iniciativa cultural privada e as estruturas de poder local, sendo esta relação reforçada pelo apoio financeiro e institucional da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e da Câmara Municipal do Funchal.

Neste contexto, o papel de Luiz Peter Clode assume uma centralidade estrutural. Para além de fundador e principal dinamizador, L. P. Clode surge como

mediador entre diferentes esferas – cultural, política e social – articulando redes de sociabilidade pré-existentes com um projeto cultural dotado de continuidade institucional. A sua intervenção estende-se à definição da orientação da Sociedade, à escolha dos artistas, à produção de discursos legitimadores e à construção de uma memória institucional da própria entidade. Esta centralidade não se revela apenas na documentação estatutária, mas também pela documentação pessoal conservada em arquivo¹², nomeadamente correspondência, notas manuscritas, documentação administrativa e programas, que permitem acompanhar de forma detalhada o seu envolvimento direto nas múltiplas dimensões da atividade da Sociedade. A mesma documentação permite ainda reconstituir as práticas quotidianas de gestão cultural e as estratégias de legitimação simbólica mobilizadas pelo seu principal promotor, na definição das orientações culturais, na seleção dos intérpretes, na mobilização de apoios institucionais e na construção de uma narrativa legitimadora em torno da própria Sociedade.

A atividade artística e a institucionalização da música erudita

A ação concreta da *Sociedade de Concertos da Madeira* materializou-se sobretudo na organização regular de concertos, que se tornaram o principal instrumento de institucionalização da música erudita na região. Entre 1943 e a década de 1970, esta Sociedade promoveu mais de duas centenas de concertos¹³, com particular intensidade na década de 1950, período que pode ser descrito como o auge da sua atividade concertística. A dimensão, continuidade e prestígio desta programação são sublinhados num testemunho conservado no espólio pessoal de Luiz Peter Clode, onde se refere que:

... foi numerosa a adesão e a colaboração de figuras representativas da vida social de então ao arranque da Sociedade de Concertos da Madeira, que até ao seu atual interregno realizou para cima de duzentos concertos. Com a sua chancela, foi dado ao público funchalense ouvir autênticas celebridades como Wilhelm Kempff, Nikita Magaloff, Paul Badura Skoda, Dimitry Markevitch e Pierre Fournier e notáveis intérpretes como Sequeira e Costa, Ana Fishcer, Maria João Pires, Henryk Szeryng, Gaspar Cassadó, entre muitos outros, e isto só para citar alguns dos nomes que mais perduram na nossa memória e na nossa sensibilidade. E não esqueçamos os três festivais de música que

¹² Espólio LPC. Documentos e correspondência pessoal. Arquivo Regional da Madeira da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro.

¹³ José Vieira Gomes e Inez Clode Freitas, *Luiz Peter Clode...*, cit., p. 19.

organizou, dos quais sobressai aquele em que o prestigiado Maestro Pedro de Freitas Branco – uma celebridade do seu tempo – dirigiu a Orquestra Sinfónica Nacional, então em fase de extraordinário brilho. Nos arcanos da nossa memória auditiva se não esbateram ainda as magistrais versões entregues à plateia do Bolero de Ravel e do Pássaro de Fogo de Stravinsky¹⁴.

Assim, evidencia-se não apenas a quantidade da atividade concertística desenvolvida pela Sociedade, mas sobretudo a sua capacidade de integrar a Madeira nos circuitos nacionais e internacionais da prática musical erudita, reforçando o seu estatuto enquanto instituição central da vida cultural regional durante o Estado Novo.

Os primeiros concertos entre 1943 e 1944 envolveram maioritariamente músicos amadores e profissionais residentes na Madeira, refletindo as limitações materiais e logísticas do contexto insular. Ainda assim, se pode observar que, desde o início, houve uma preocupação com a criação de um ambiente de distinção cultural, patente na escolha dos espaços – Palácio de São Lourenço, Quinta Vigia, Teatro Municipal Baltazar Dias, Quinta Magnólia –, no carácter de gala de alguns concertos e na exclusividade do acesso aos sócios.

A consolidação da ligação com o Círculo de Cultura Musical de Lisboa, a partir de 1944, marcou uma viragem decisiva. Esta articulação permitiu a ida ao Funchal de “artistas nacionais e estrangeiros de grande nome”¹⁵, integrando a Madeira nos circuitos culturais de tradição musical erudita existentes na Europa.

A presidente do Círculo de Cultura Musical de Lisboa, Elisa de Sousa Pedroso, em ofício de 20 de junho de 1944, e por intermédio do ex-diplomata António Bandeira, solicitou à *Sociedade de Concertos da Madeira* a sua agregação, para que fosse considerada Delegação daquele Círculo. Através deste organismo, e pela interferência da sua presidente, Elisa de Sousa Pedroso, e do diretor artístico, o professor Lourenço Varela Cid, foi possível levar ao Funchal pianistas, violinistas, violoncelistas e cantores de projeção internacional que passaram a atuar regularmente no Teatro Municipal Baltazar Dias, reforçando o prestígio daquela instituição e o seu reconhecimento para além do contexto regional.

A regularidade dos concertos, o aumento progressivo do número de sócios e a criação de mecanismos organizativos, como a divisão dos associados em séries para garantir lugares fixos, evidenciam a consolidação institucional da Sociedade. Paralelamente, a atividade concertística teve impacto direto noutras iniciativas culturais, nomeadamente na fundação da Academia de Música da Madeira (1946), contribuindo para a formação musical e para a criação de públicos.

¹⁴ Documentação pessoal. Espólio LPC. Documentos e correspondência pessoal..., cit.

¹⁵ Luiz Peter Clode, *A verdadeira História...*, cit., p. 4.

Neste sentido, aquele organismo cultural funcionou como um verdadeiro dispositivo de institucionalização cultural, combinando programação artística, sociabilidade seletiva e legitimação simbólica. A música erudita, para além de prática estética, tornou-se um instrumento de distinção social e de afirmação identitária das elites madeirenses, num contexto periférico marcado pela centralização cultural do Estado Novo.

A legitimação pública da Sociedade: imprensa e discurso cultural

A afirmação da *Sociedade de Concertos da Madeira* enquanto instituição cultural de referência foi acompanhada por uma intensa legitimação pública, realizada sobretudo através da imprensa local. Desde os primeiros anúncios da sua criação, os periódicos madeirenses acolheram a iniciativa com um discurso amplamente elogioso, sublinhando o seu carácter civilizacional e a necessidade de “reagir à decadência do gosto artístico”.

O periódico *O jornal* aclamou a boa iniciativa, pois iria por fim trazer uma reacção “contra a decadência em que hoje vive a verdadeira arte musical, formando-se uma sociedade de elite que pela sua influência procurasse incutir no espírito das novas gerações o verdadeiro sentido artístico da música”¹⁶. Já o *Diário de Notícias* no mesmo dia refere que a Sociedade de Concertos surge “com o fim de fomentar o gosto pela música na nossa terra”, e para isso, proporcionaria “para audições, os melhores elementos que possuímos, quer fazendo vir até nós aqueles que, lá de fora, possam e queiram deslocar-se”. Seria assim, “uma sociedade, de carácter musical, na qual se encontram reunidos muitos dos melhores e mais representativos valores com que conta a nossa ilha.”¹⁷.

Neste sentido, a *Sociedade de Concertos da Madeira* propunha:

... incitar o gosto pela música e como reagir contra o que é mau, apresentando o bom e autêntico (...). Dum modo geral o público madeirense não tem a preparação necessária para distinguir entre a verdadeira e a falsa arte. Para muita gente, tocar bem é ir de princípio ao fim sem cair ou errar; o melhor canto é o que mais alto grita; a melhor peça de música a que mais barulho faz. Precisa ser educado, de ter consciência do que ouve e a sua significação, para

¹⁶ *O Jornal*, 13.01.1943. *Jornal da Madeira* (1953-1974), DRABL, Cota: 908-1055.

¹⁷ *Diário de Notícias*, 13.01.1943. *Diário de Notícias da Madeira* (1943-1974), DRABL, Cota: 1508 a 1683.

então saber apreciar e acorrer aos concertos com conhecimento de causa e não automaticamente, a receber quando lhe quiserem dar¹⁸.

As notícias publicadas na década de 1940 apresentam a Sociedade como um organismo composto pela “elite intelectual da sociedade madeirense”, atribuindo-lhe uma missão pedagógica e regeneradora. A música erudita é sistematicamente apresentada como “arte verdadeira” ou “arte pura”, em oposição explícita a formas de entretenimento consideradas ligeiras ou populares, reforçando uma hierarquia cultural que legitima simbolicamente estes públicos.

Este discurso não se limita à celebração dos concertos realizados, mas constrói uma narrativa de progresso cultural, em que a Sociedade surge como motor de transformação do panorama musical da Madeira. A regular referência à elevada afluência de público, à “enchente”¹⁹ do Teatro Municipal Baltazar Dias e à qualidade excecional dos artistas contribui para a construção de uma imagem pública de sucesso e prestígio, ainda que estudos posteriores tenham identificado algum declínio na afluência aos concertos, por parte dos sócios²⁰.

Os periódicos da época apoiaram a concretização desta Sociedade e da sua ação na Madeira, como exemplifica o excerto do *Eco do Funchal*:

Damos todo o nosso apoio a iniciativas desta ordem, pois conferências ilustradas têm sempre um duplo fim, não só educam o ouvido, como esclarecem e dão conhecimentos artísticos a quem hoje tem a sua sensibilidade tão adormecida e corrompida pelo «Jazz», pelos «swings», fungagás, etc.²¹

A imprensa desempenhou, assim, um papel ativo enquanto agente cultural, funcionando como mediadora entre a instituição e a sociedade. Ao elogiar repetidamente os esforços dos seus dirigentes – em particular dos irmãos Clode – os jornais reforçaram a legitimidade social da instituição e contribuíram para a naturalização da sua posição de centralidade no campo cultural madeirense.

¹⁸ *O Jornal*, 14.01.1943. *Jornal da Madeira* (1953-1974), DRABL, Cota: 908-1055.

¹⁹ *Diário de Notícias*, 20.10.1944. *Diário de Notícias da Madeira* (1943-1974), DRABL, Cota: 1508 a 1683.

²⁰ Rogério Augusto Teixeira Barros, *O Teatro Municipal Baltazar Dias Estudo sobre a produção e a realização de espectáculos na área da música clássica (1943-1974)*, Dissertação de mestrado, Funchal, Universidade da Madeira, 2012.

²¹ “Manifestações de Arte”, *Eco do Funchal*, 22.02.1943. *Eco do Funchal* (1943-1959), DRABL, Cota: 647 a 655.

A afirmação institucional e financiamento cultural (décadas de 1950-1974)

A partir da década de 1950, a *Sociedade de Concertos da Madeira* foi-se afirmando de forma continuada como uma das principais instituições culturais da região madeirense. Beneficiando do prestígio adquirido nos anos anteriores, a Sociedade manteve a programação regular de concertos e reforçou o seu papel enquanto mediadora da fruição da cultura musical erudita na Madeira, contribuindo para a estabilização de um espaço cultural socialmente reconhecido e legitimado ao longo de várias décadas.

Neste período, a sua ação deixou de se circunscrever à organização pontual de espetáculos, assumindo uma função mais ampla de apoio e financiamento a iniciativas culturais, nomeadamente da música erudita. Para além da contínua organização de concertos, a Sociedade prolongou a sua atividade com a criação de uma escola, a Academia de Música da Madeira (1946), a fundação da primeira rádio no Funchal, o Posto Emissor do Funchal (1948), a publicação de uma revista cultural, a revista *Das Artes e da História da Madeira* (1951), a realização de diversas exposições e palestras sobre diferentes temáticas culturais e artísticas, a realização de Festivais de Música da Madeira e o incentivo à criação de uma orquestra com músicos profissionais.

A capacidade da Sociedade para mobilizar recursos financeiros, assegurar a vinda de intérpretes de renome nacional e internacional e colaborar com outras instituições culturais regionais revela o grau de institucionalização que ultrapassa o carácter associativo inicial, aproximando-a de um verdadeiro polo estruturante da vida musical madeirense.

Para consolidar este projeto, Luiz Peter Clode desempenhou um papel determinante, procurando estabelecer, desde os primeiros anos, contactos e parcerias institucionais. Inicialmente, destacam-se as relações com o Círculo de Cultura Musical de Lisboa, às quais se somarão, ao longo das décadas seguintes, colaborações com o Conservatório Nacional, o Grupo Pró-Arte, as Escolas Superiores de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, a Universidade de Toulouse, a Universidade de Cambridge, o Instituto Italiano de Cultura em Portugal, o Goethe-Institut München e a Fundação Calouste Gulbenkian. A nível local, a Sociedade de Concertos beneficiou do apoio da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal e da Câmara Municipal do Funchal, bem como da proximidade institucional e pessoal entre os seus dirigentes e os professores da Academia de Música da Madeira, da Escola Industrial e Comercial do Funchal e do Liceu Jaime Moniz.

A composição social dos seus órgãos dirigentes manteve, ao longo deste período, uma forte continuidade, evidenciando a persistência das elites políticas,

económicas e intelectuais locais na condução da instituição. Esta estabilidade contribuiu para a consolidação de redes de sociabilidade elitista, nas quais a participação cultural funcionava simultaneamente como prática de distinção social e como instrumento de afirmação simbólica.

Este organismo cultural continuou, assim, a operar num quadro de seletividade social, em consonância com os princípios estatutários definidos aquando da sua fundação. Para além do apoio assegurado pelas elites regionais que integravam a direção e o núcleo fundador da Sociedade (cf. tabelas 1 e 2), a sua atividade beneficiou da colaboração regular de músicos, maestros, professores e outras personalidades do meio artístico nacional e internacional, cuja participação contribuiu para consolidar o prestígio da instituição e para alargar a projeção cultural da Madeira.

As ligações referidas demonstram que a influência das elites identificadas não se restringia ao espaço insular. A composição dessas elites explica, em grande medida, a capacidade da Sociedade para estabelecer redes institucionais, convocando simultaneamente capital político, económico, cultural e relacional. Foi através das redes pessoais e institucionais mobilizadas por Luiz Peter Clode e por vários membros da Sociedade que se favoreceram relações privilegiadas com o Círculo de Cultura Musical de Lisboa, o Conservatório Nacional e, posteriormente, outras instituições culturais nacionais e estrangeiras. A colaboração de personalidades como Elisa de Sousa Pedroso, Lourenço Varela Cid e António Bandeira demonstra a capacidade destas elites para mobilizar contactos nos principais centros culturais do país, favorecendo a circulação de artistas, professores, repertórios e modelos de organização artística e integrando a Madeira nos principais circuitos portugueses da música erudita.

A Sociedade estabeleceu, assim, contactos com um vasto conjunto de músicos de reconhecido prestígio, entre os quais se podem referir como exemplo, Winfried Wolf, Nella Basola Maissa, Rachele Ravina, Leopoldo Querol, Maria João Pires, Campos Coelho, Wilhelm Kempff, Nikita Magaloff, Helena Sá e Costa, Jorge Croner de Vasconcelos, Jean Fournier, Antonino David, Gaspar Cassadó, Dimitry Markevitch, Pierre Fournier, Sequeira e Costa, Ivo Cruz, Maria Campina, Paulo Manso, Pedro Lamy Reis, João Augusto Nogueira, Jorge Madeira Carneiro, Eurico Tomás de Lima, Augusto Pereira de Sousa, Pedro de Freitas Branco e João Victor Costa²².

No domínio das Belas-Artes, destacam-se igualmente ligações estabelecidas com artistas como Alfredo Miguéis, Vasco de Lucena, Anjos Teixeira, Louro

²² Espólio LPC. Fotografias e programas de concertos. Arquivo Regional da Madeira da Direção Regional dos Arquivos, das Bibliotecas e do Livro.

de Almeida, Justino Alves e Max Römer. Por fim, importa assinalar que o trabalho desenvolvido pela *Sociedade de Concertos da Madeira* mereceu a atenção de altas figuras do Estado, aquando de visitas oficiais ao Funchal, nomeadamente o Subsecretário da Educação Nacional, Veiga de Macedo, o Ministro da Educação Nacional, José Hermano Saraiva, e o Presidente da República, Almirante Américo Thomaz²³.

A imprensa local desempenhou um papel fundamental na legitimação desta trajetória de afirmação institucional. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, os periódicos madeirenses continuaram a divulgar a atividade da Sociedade num tom marcadamente elogioso, sublinhando a sua relevância cultural, o prestígio dos artistas convidados e a importância da sua ação na elevação do nível artístico da região. O discurso público contribuiu para reforçar a imagem da Sociedade como referência incontornável da vida cultural madeirense, naturalizando a sua posição de centralidade e legitimando o seu papel enquanto instância de consagração cultural.

A longevidade desta instituição cultural, que se prolongou até à rutura provocada pela Revolução de 25 de Abril de 1974, constitui um elemento central para compreender a sua importância histórica. A ocupação da sua sede na Academia de Música e de Belas-Artes da Madeira simbolizou o fim de um modelo de organização cultural assente na iniciativa privada das elites e na sua articulação com os poderes locais, abrindo caminho a novas dinâmicas culturais e institucionais no contexto democrático.

Neste sentido, a trajetória da Sociedade permite observar, à escala regional, os modos de funcionamento da cultura erudita durante o Estado Novo, bem como as continuidades e descontinuidades introduzidas pela transição política após 1974. Importa ainda sublinhar que a ação desenvolvida por esta instituição deixou marcas duradouras no tecido cultural do Funchal, cujos efeitos se prolongam até à atualidade. A antiga Academia de Música da Madeira, ligada à atividade da Sociedade, deu origem a três instituições distintas: a secção de Música transformou-se no Conservatório – Escola das Artes da Madeira; a secção de Belas-Artes deu origem ao Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira, posteriormente integrado na Universidade da Madeira; e a secção de Línguas autonomizou-se na Academia de Línguas da Madeira.

Do mesmo modo, o Posto Emissor do Funchal mantém ainda hoje a sua atividade, embora em instalações diferentes, e a atual Orquestra Clássica da Madeira pode ser entendida como resultado de várias tentativas de criação de uma orquestra regional com músicos profissionais, cuja iniciativa teve origem no

²³ Espólio LPC. Documentos e correspondência pessoal..., cit..

seio da Academia de Música e de Belas-Artes da Madeira. Estes desdobramentos institucionais evidenciam a persistência do legado cultural daquele organismo madeirense para além do período histórico aqui analisado.

Conclusão

A análise da *Sociedade de Concertos da Madeira* permite compreender de que modo, num contexto regional ultraperiférico e sob um regime político marcado pela centralização das políticas culturais, foi possível criar e consolidar uma instituição dedicada à promoção da música erudita com continuidade e reconhecimento social. Não se limitando à organização de espetáculos musicais, a Sociedade afirmou-se como um espaço estruturado de sociabilidade das elites regionais, onde se articularam práticas culturais, poder local e estratégias de consagração simbólica ao longo do período compreendido entre 1943 e 1974.

O estudo evidencia que o processo de institucionalização da prática de um repertório erudito na Madeira resultou, em grande medida, da iniciativa privada de um núcleo restrito dos setores dirigentes políticos, económicos e intelectuais capazes de mobilizar recursos sociais, institucionais e simbólicos. Através de uma orgânica seletiva, de uma programação artística regular e da construção de um discurso legitimador amplamente difundido pela imprensa local, a Sociedade de Concertos consolidou-se como uma autoridade cultural regional, contribuindo simultaneamente para a formação de públicos e para a afirmação de uma identidade cultural erudita num território marcado pela insularidade.

Neste contexto, a atuação da Sociedade ilustra de forma particularmente clara os mecanismos de legitimação simbólica associados à cultura erudita, na medida em que, como sublinha Pierre Bourdieu²⁴, a consagração cultural confere aos objetos, às pessoas e às situações que toca, uma espécie de promoção ontológica, convertendo a fruição musical num instrumento de distinção social e de reforço da posição das elites madeirenses. A apropriação e valorização de determinados bens culturais e formas de gosto, tal como evidenciado na constituição e funcionamento da Sociedade, permitiu transformar experiências culturais em capital simbólico duradouro, consolidando hierarquias sociais existentes e naturalizando diferenças culturais como critérios de superioridade simbólica.

O caso analisado convida, assim, a repensar as leituras centradas nas políticas culturais do Estado Novo e nos grandes centros urbanos, demonstrando

²⁴ Pierre Bourdieu, *La Distinction: a social critique of the judgement of taste*, Harvard, Harvard University Press, 1984, p. 6.

a relevância das dinâmicas locais e regionais na configuração do campo cultural português do século XX. A experiência da *Sociedade de Concertos da Madeira* revela que os processos de consolidação cultural não se realizaram exclusivamente de forma vertical, a partir do Estado, mas também através de iniciativas locais que, embora enquadradas no contexto político do regime, obedeceram a lógicas próprias de sociabilidade, diferenciação social e afirmação simbólica das elites.

A investigação demonstra ainda que a atuação dos grupos influentes madeirenses não se limitou à esfera cultural, refletindo-se igualmente em estratégias de visibilidade social e de consolidação de redes de poder locais com continuidade geracional. A Sociedade de Concertos funcionou, deste modo, como um catalisador de capital cultural e social, permitindo compreender como os setores dirigentes regionais articularam distinção e legitimidade em territórios ultraperiféricos, num quadro analítico próximo da sociologia da cultura de Pierre Bourdieu²⁵, segundo o qual a acumulação de capital cultural desempenha um papel central na consagração e reprodução das hierarquias sociais, tornando-se simultaneamente formas de poder e de prestígio social. Para este autor, a apropriação e valorização de determinados bens culturais e formas de gosto contribui para a afirmação social e para a manutenção das hierarquias existentes, ao naturalizar diferenças culturais como critérios de superioridade simbólica.

A longevidade da instituição e a continuidade da sua ação até 1974 mostram que a capacidade de articulação entre iniciativa privada, apoio institucional e reconhecimento público foi determinante para a consolidação de um espaço cultural duradouro.

Para além do carácter descritivo, este artigo oferece uma reflexão sobre as dimensões metodológicas da história cultural em contextos regionais. O cruzamento de fontes documentais – estatutos, correspondência pessoal, programas, documentação administrativa e imprensa local – permitiu compreender a articulação entre sociabilidade elitista, capital cultural e legitimação simbólica, evidenciando a riqueza das fontes regionais e a necessidade de abordagens integradas que cruzem história e sociologia da cultura.

Este facto sublinha a importância de se olhar para experiências regionais não como meras extensões periféricas de políticas culturais nacionais, mas como laboratórios de inovação social e cultural, capazes de gerar instituições com identidade própria e relevância social significativa.

Por fim, o percurso da *Sociedade de Concertos da Madeira* até à rutura provocada pela Revolução de 25 de Abril de 1974 abre pistas relevantes

²⁵ Pierre Bourdieu, *La Distinction...*, cit., p. 2-3.

para futuras investigações, quer sobre a continuidade, transformação ou dissolução destas instituições culturais no período democrático, quer para abordagens comparativas com outras realidades regionais, quer também sobre os mecanismos de institucionalização cultural em contextos periféricos e sobre a forma como os setores dirigentes mobilizam recursos culturais e simbólicos. Neste sentido, esta instituição cultural constitui um observatório privilegiado para compreender as relações entre cultura, poder local e elites em contextos periféricos da história contemporânea portuguesa, permitindo aprofundar a compreensão e a importância das múltiplas escalas em que se construiu a vida cultural durante o Estado Novo e sublinhando a relevância de investigações que integrem perspetivas locais, regionais e nacionais na análise histórica, de forma a captar as complexidades que moldaram o panorama cultural do século XX.

Ao mesmo tempo, esta análise reforça a importância de adotar abordagens interdisciplinares, combinando sociologia, história e estudos culturais, para captar a complexidade das dinâmicas regionais e a centralidade das práticas de distinção social na institucionalização cultural. Assim, o caso da *Sociedade de Concertos da Madeira* evidencia que experiências culturais locais, mesmo em territórios ultraperiféricos, podem gerar instituições duradouras com impacto significativo na definição da identidade cultural e social de uma região.

